

## **ESPLANADA DO CASTELO – O PLANO E O DESEJO DO PLANO**

**Aluno: Maria Luisa Noujaim Teixeira**

**Orientador: João Masao Kamita**

### **Introdução**

A pesquisa pretende investigar o processo de urbanização da esplanada do Castelo, resultante do desmonte do morro homônimo. Sítio fundacional da cidade do Rio de Janeiro, a pesquisa começa por levantar os discursos que motivaram a draconiana derrubada do morro, especialmente, considerando-se o argumento que o vincula as comemorações do centenário de independência em 1922. O estado atual da área é uma espécie de “colcha de retalhos”, com restos de intervenção de diversos períodos, fragmentos de um todo sonhado (o plano), experimentos desconexos de unidade. Entre o abandono e a amnésia, este espaço ainda não encontrou sua vocação e estabilidade, uma vez que planos de futura ocupação ainda estão sendo elaborados.

### **Nova Pesquisa**

Neste segundo ano de pesquisa, outro processo urbanístico foi introduzido: A destruição da favela da Praia do Pinto, criação da Cruzada São Sebastião e a latência histórica que permanece na região do Jardim de Alá e Selva de Pedras, no Leblon.

A linha teórica deste novo local é basicamente a mesma que motivou a pesquisa no Castelo. São locais que sofreram intensas intervenções em detrimento de um projeto de desenvolvimento. Porém, este desenvolvimento imposto, não natural, não apaga a latência do que se quis esconder e a área permanece com ruídos da modernidade e fantasmagorias.

### **Objetivos**

A pesquisa pretende desvelar as camadas dos planos de projeção que se sobrepõem uns sobre os outros, para se perguntar afinal se sua incompletude é devida: a) aos limites do planejamento com seus instrumentos e métodos inadequados; b) aos limites do poder político; c) aos limites da realidade socioeconômica; d) aos limites do planejador, que delira com totalidades estéticas sem se confrontar com a realidade.

### **Metodologia**

Em um ano de pesquisa foi feito levantamento iconográfico do Arquivo Geral da Cidade e do Museu da Imagem e do Som, com fotos principalmente de Augusto Malta, que foram elucidativas sobre aspectos da derrubada e construção dos pavilhões da Exposição Internacional do Centenário da Independência. Foi possível comparar fotografias com uma planta da exposição e com plantas atuais, observando alguns resquícios da época que se apresentam como ruídos na paisagem que vemos hoje. Alguns jardins, como a Praça Melvin Jones, mantiveram o mesmo desenho que as plantas de 1922 mostram. Por outro lado, ruas inteiras foram redirecionadas, espaços aterrados e o que se nota são camadas de urbanização desconexas e mal resolvidas.

A partir do interesse pela dita Exposição, minha pesquisa direcionou-se em encontrar o Livro de Ouro do evento, com informações detalhadas dos pavilhões de todos os países presentes. Além de informações da Exposição, contém diversos capítulos sobre aspectos da História do Brasil, desde o momento do descobrimento, passando pelo desenvolvimento

religioso, a Imprensa na altura da Independência, a propaganda republicana e muitas outras análises da trajetória brasileira. Este livro foi fundamental na percepção do projeto de nação que os idealizadores desta Exposição tinham para o Brasil. Produzia-se uma imagem a ser ingerida pelos próprios brasileiros e ao mesmo tempo exposta às nações estrangeiras.

Das buscas de material artístico exibido em 1922, foram encontrados filmes como *No país das Amazonas* (1922) e *Terra Encantada* (1923), ambos de Silvino Santos e Agesilau de Araújo, *Ipiranga* (1922) e *Companhia Fabril de Cubatão* (1922), de João de Sá Rocha, dentre outros. Na Biblioteca Nacional consta um catálogo de arte, com a listagem de todas as obras em pintura, escultura, arquitetura (planos) e gravura expostas. Sabe-se também que na inauguração do evento foi feita a primeira transmissão de rádio do Brasil, com um pronunciamento do presidente Epitácio Pessoa, seguido da apresentação da ópera *O Guarany*, de Carlos Gomes, também transmitida.

O edifício do Museu Histórico Nacional também foi objeto de pesquisa. Uma parte de sua construção é da época colonial, quando ainda era o Forte Santiago. No século XVI foi edificada a Casa do Trem junto ao Forte, para guardar material de artilharia. A este conjunto foi ainda acrescentado um novo prédio para abrigar o Pavilhão das Grandes Indústrias na Exposição e somente no fim das comemorações resolveram transformá-lo em Museu Histórico Nacional. Nos arquivos do museu foi possível encontrar detalhes da formação de seu complexo arquitetônico como também de sua proposta ideológica presente no momento de sua criação até hoje. Pensando no papel que um museu histórico nacional tem na confecção historiográfica do país.

Da bibliografia levantada foram lidos principalmente textos conceituais, que falam sobre o esgotamento de espaços urbanos, arquitetura contemporânea, utopias sociais versus construções urbanas e teorizações afins. Dentre estes e diversos outros trabalhos encontrados na internet se destacam “Um passeio pelos monumentos de Passaic”, de Robert Smithson; “Arqueologia do Saber”, de Michel Foucault, “A Poética do Terrain Vague”, de Ignase Solamoraes e textos do arquiteto e teórico contemporâneo Rem Koolhaas. Além dos livros de Carlos Kessel, um estudioso da Exposição do Centenário da Independência e da arquitetura do centro carioca e Marly Silva da Motta, que transformou em livro sua tese sobre a questão da nação à época do centenário da Independência.

## **Conclusão**

Das conceituações lidas, existe um ponto convergente que diz sobre a efemeridade das construções contemporâneas. Nos processos de modernização de diversas nações, percebe-se uma construção consolidada de mudanças e desenvolvimento nos países chamados de primeiro mundo. Enquanto em países com a democracia, identidade e economia menos consolidadas, os processos de modernização têm se dado de fora para dentro, ou de cima (Estado) para baixo (população), imitando modelos estrangeiros e fazendo projeções mirabolantes numa realidade que não as suporta.